

**FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS PARA A  
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA: BREVES  
REFLEXÕES DE ÁLVARO VIEIRA PINTO SOBRE  
SOCIEDADE, TÉCNICA E EXISTÊNCIA**

***PHILOSOPHICAL FOUNDATIONS FOR  
TECHNOLOGICAL EDUCATION: BRIEF  
REFLECTIONS OF ÁLVARO VIEIRA PINTO ON  
SOCIETY, TECHNIQUE AND EXISTENCE***

Fernanda Clara Gutierrez da Silva<sup>1</sup>  
Breno Augusto Costa<sup>2</sup>

**RESUMO:** A educação tecnológica tem se desenvolvido enquanto proposta superadora da dicotomia educacional surgida na sociedade dividida em classes. O objetivo deste trabalho é discutir alguns aportes filosóficos para a educação tecnológica a partir do pensamento do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto. Trata-se de um ensaio. O pensador brasileiro concebe a técnica enquanto um existencial, um traço caracterizador do ser humano e que elucida a busca pela superação da educação dualista. O texto aponta para a importância da educação tecnológica para a humanização da sociedade, bem como a relevância do movimento decolonial.

**Palavras-chave:** Educação Tecnológica. Álvaro Vieira Pinto. Filosofia da Educação. Movimento Decolonial.

**ABSTRACT:** Technological education has developed as a proposal that overcomes the educational dichotomy that emerged in society divided into classes. The objective of this work is to discuss some

---

<sup>1</sup>Assistente Social; Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro; Rua General Osório, 290. Bairro Estados Unidos Uberaba – Minas Gerais. 34- 99963-9084 34-90222-5163 e mail: fernandaclaragutierrez@gmail.com

<sup>2</sup>Psicólogo; Bacharel em Psicologia; Mestrando em Educação Tecnológica pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM); Av. Alexandre Barbosa, 1448, Mercês, Uberaba- MG (34) 98847- 0444

philosophical contributions to technological education based on the thinking of Brazilian philosopher Álvaro Vieira Pinto. This is an essay. The Brazilian thinker conceives the technique as an existential, a character trait of the human being and that elucidates the quest for overcoming dualistic education. The text points to the importance of technological education for the humanization of society, as well as the relevance of the decolonial movement.

**KEYWORDS:** Technological Education. Álvaro Vieira Pinto. Philosophy of Education. Decolonial Movement.

## INTRODUÇÃO

A educação tecnológica surgiu enquanto proposta para a superação da dualidade educacional, que é fruto de um fato social mais amplo: a sociedade dividida em classes. Diferentes pensadores têm se dedicado à erradicação desta dualidade, ora trabalhando em prol da já citada educação tecnológica, ora trabalhando em prol da chamada educação profissional, ora trabalhando em prol do ensino integrado; todas as três, propostas similares: Ciavatta, 2005; Moura, 2007; Nosella, 2007; Ramos, s.d., Saviani, 2007.

O cerne das três propostas pode ser analisado à luz do trabalho de Saviani (2007), que salienta o trabalho e a educação enquanto fundamentos históricos, e por isso mesmo ontológicos do ser humano. Ou seja, o ser humano só constitui-se enquanto ser humano ao longo de seu desenvolvimento histórico. A existência humana é sempre social e voltada para a superação das contradições que o ser humano enfrenta contra a natureza. Para superá-las ele realiza o trabalho. Porém como a sociedade é dividida em classes com interesses antagônicos, o próprio trabalho é dividido em classes.

Para examinar a relação entre trabalho e educação devemos nos reportar ao filósofo brasileiro Álvaro Vieira

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 28, n. 1, 2019.*

Pinto.

Na obra “Sete Lições Sobre a Educação de Adultos” (1982/1991) o pensador define educação como “o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses” (p. 29). Nesse sentido, a educação de uma sociedade dividida em classes também será dividida em classes, preparando os educandos de cada classe para ocupar funções distintas na sociedade.

A educação tecnológica parte da concepção de que o trabalho desempenha papel fundamental na educação do ser, e que o processo educacional não deve dissociar a educação erudita, dos saberes clássicos da humanidade e a educação profissional, que capacita para o trabalho.

Ciavatta (2007) aponta para a importância de uma formação integral do ser humano, que valorize tanto os conhecimentos eruditos, quanto a educação profissional e os últimos avanços tecnológicos alcançados pela sociedade. Assim torna-se explícita a importância das reflexões acerca da técnica para o contexto da educação.

Considerando que Vieira Pinto trouxe diversas reflexões acerca da técnica em uma obra publicada postumamente (2005) e que tal obra tem se destacado enquanto fundamento para pesquisas em torno desta temática (GONZATTO; MERKLE, 2016), o objetivo deste trabalho é discutir alguns aportes filosóficos para a educação tecnológica a partir do pensamento do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto.

## **1. O CONCEITO DE TÉCNICA**

Na obra “O Conceito de Tecnologia” (2005), publicada postumamente dada a perseguição sofrida por Vieira Pinto durante a ditadura, o pensador brasileiro parte

do maravilhamento humano, do espanto, da admiração que o ser humano tem pela tecnologia para refletir acerca dos feitos tecnológicos, da técnica e da cibernética. Apoiado na lógica dialética, que o autor concebe enquanto ciência do real e pautada na objetividade, o autor traz diferentes matrizes teóricas contemporâneas que abordam a questão técnica e suas adjacências.

No pensamento de Vieira Pinto, a técnica ocupa papel primordial nas reflexões acerca da tecnologia e da cibernética, bem como todos os outros temas relacionados. Após um exame das concepções clássicas de técnica, como a de Aristóteles e Kant, o brasileiro examina as concepções correntes de Spengler e Heidegger, que são fundamentos para boa parte das reflexões atuais. Ele chega à conclusão de que estas reflexões são incapazes de captar o autêntico sentido de técnica.

Spengler e Heidegger cometem o equívoco de hipotetizar a técnica, ou seja, coisificar ela, transformando ela, que essencialmente é uma coisa abstrata, em algo concreto, conferindo-lhe atributos e propriedades que são alheias a ela, estudando-a como algo que subsiste por si só.

Vieira Pinto denuncia os equívocos causados pelo idealismo metafísico da lógica formal e lança mão da lógica dialética para definir autenticamente a técnica enquanto a mediação usada na realização das finalidades conscientes do ser humano. Concebe o autor que “a técnica representa o nome dado à mediação exercida pelas ações humanas, diretas ou armadas de instrumentos, na consecução das finalidades que o homem concebe para lutar contra as resistências da natureza e a instituição nacional de relações sociais de convivência” (2005, p. 292).

A técnica, portanto, não subsiste sozinha, mas antes é indissociável das ações humanas. Os atos humanos devem ser qualificados como técnicos ou não. Por isso, a técnica em Vieira Pinto “é sempre um modo de ser, um existencial do homem, e se identifica com o movimento pelo qual realiza sua posição no mundo, transformando este último de acordo com o projeto que dela faz” (2005, p. 238).

A técnica pode ser usada para fins lúdicos, por exemplo, em jogos e outros divertimentos, mas o uso primordial continua sendo na produção da existência humana. Neste processo de produção da existência, não podemos negligenciar o papel da sociedade, que é onde efetivamente o ser humano realiza sua existência. Em uma sociedade dividida em classes, a realização técnica e o acesso às técnicas mais avançadas é dividido em classes. As classes dominantes arrogam para si as técnicas mais avançadas e determinam que o trabalho manual seja desqualificado.

Por outro lado, também há um movimento que Vieira Pinto explicita da seguinte forma: “num âmbito cultural dividido, onde a posse da cultural é privilégio das camadas superiores, ocorre a separação entre dois tipos humanos, o que inventa o método ou o instrumento, ou seja pratica o ato produto original, e o que executa, por meio de prescrição, os atos adequados a um fim que não é seu, e sim oriundo do outro” (2005, p. 181). O autor demonstra que na sociedade dividida em classes o trabalho e por conseguinte a educação são também divididos em classes, temática também abordada em outras obras, como “Sete Lições Sobre a Educação de Adultos” (1987/1991).

A proposta da educação tecnológica visa unificar, e por isso mesmo superar, esta separação social de cunho classista, tornando o processo de educacional integral e

igualitário, o que implica na formação de indivíduos completos e capazes de vencer a dicotomia presente entre os diferentes tipos de trabalho e conseqüentemente entre os diferentes tipos de técnica empregada.

## **2. O CONCEITO DE EXISTÊNCIA**

Dissemos que técnica é um existencial, por isso agora é preciso examinar a questão da existência. Existência é uma palavra da tradição filosófica para designar a concretização daquilo que existe. Classicamente, existir é ter presença real, estar aí, porém o termo existência foi apropriado pelo escritor Kierkegaard de uma forma nova e a partir daí existência passou a ter um novo sentido. Especialmente na corrente filosófica denominada existencialismo há uma nova apropriação do termo, que é utilizado para designar a essência do ser humano.

Segundo o existencialismo, o ser humano é um ser em situação, que é sendo, e a partir desse movimento de ser é lançado fora de si tendo como fardo a liberdade de escolher-se ser. O homem enfrenta, portanto, uma vertigem de liberdade, pois a cada escolha que faz, deve deixar de escolher outras tantas, o que culmina na culpa existencial. Por outro lado, o ser humano sabe que um dia deixará de existir, ou seja, de ser. Portanto é um ser em direção à morte, traço que o angustia e provoca o desabrigo existencial.

A apreciação de Vieira Pinto acerca do existencialismo reconhece alguns pontos valiosos, porém é preciso depurar esta corrente filosófica de seus equívocos idealistas e metafísicos. Dessa forma, em Vieira Pinto o conceito de existência tem poucas ressonâncias com as concepções existencialistas. Existencial, para o

pensador brasileiro, tem sempre o caráter social, refere-se ao exercício do modo de ser do homem, compreendido em sua realidade social, materialmente condicionada pelas situações objetivas da vida, principalmente pelo trabalho (2005, p. 239).

Assim, numa perspectiva concreta faz pouco sentido falar em vertigem de liberdade, ou angústia existencial, pois o feixe de possibilidades do ser humano é sempre limitado e determinado pelas condições sociais de onde está situado. O contexto do surgimento do existencialismo é a Europa destruída pelas duas Grandes Guerras Europeias (1914-1918 e 1939-1945), onde reinava o pessimismo e a decadência de uma civilização arruinada. Neste sentido surgem as reflexões acerca da angústia existencial. Porém, de acordo com Vieira Pinto (1960) no contexto brasileiro não há um ser para a morte, mas um ser para a vida, pois os brasileiros vivem em constante situação de perigos contra a própria vida e ainda assim continuam visando a vida.

Entretanto, são outros os motivos que levam Vieira Pinto a afastar-se do existencialismo. O autor, pautado na lógica dialética, concebe o ser humano em sua existência concreta, o que o obriga a considerar o ambiente em que vive o ser humano em conjunto com os outros em um regime social, buscando a produção de sua existência e superação das contradições com a natureza. A existência, em Vieira Pinto, envolve a forma como as condições sociais e especialmente biológicas concretas influenciam a consciência individual. Segundo o autor “existência não se reduz à consciência, conforme a tese central das filosofias existencialistas, mas adquire a apresentação da realidade a partir do processo biológico que produz essa representação em função das condições sociais objetivas” (2005, p. 240), dessa forma o autor reafirma que existência, não tem um

caráter idealista ou metafísico. O autor chega a conceber o existencialismo como uma concepção gnosiologicamente impossível, pois “não há existência sem subsistência. A rigor, deveríamos dizer que a subsistência, enquanto processo antropogênico, precede a existência” (2005, p. 453).

Técnica, portanto, é a mediação exercida conscientemente pelos seres humanos para realizar as suas finalidades existenciais, não consistindo numa entidade metafísica, nem um atributo alheio ao ser do homem. Qualquer apropriação da técnica que desemboque em dualidades classistas, ou ainda outras divisões sustentadas em relações de poder, advém da própria divisão da sociedade em classes distintas.

### **3. EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA E MOVIMENTO DECOLONIAL**

No contexto brasileiro, porém, há que se distinguir um fenômeno ainda mais importante do que os conflitos classistas, pois é primordial em relação à divisão da sociedade em classes antagônicas. Referimo-nos à espoliação econômica que o Brasil enquanto país subdesenvolvido sofre em benefícios das metrópoles imperialistas. Vieira Pinto debruçou-se sobre esta questão no livro “A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos” (2008). O pensador explica que as nações desenvolvidas impõem às subdesenvolvidas condições políticas e econômicas que perpetuam a exploração colonial. Dado o grande poder econômico e a influência política decorrente deste, os países desenvolvidos acabam por inculcar nas nações espoliadas artifícios ideológicos para a manutenção do quadro de exploração. Atualmente as investigações em torno da colonialidade engendraram o movimento

decolonial e possuem caráter similar das investigações empreendidas por Vieira Pinto.

A educação no país subdesenvolvido não pode furtar-se a considerar a realidade em sua concretude, evitando e combatendo as explicações e medidas ideológicas que perpetuam o quadro existente de exploração e subjugação política, cultural e econômica. A educação brasileira, portanto, deve atentar-se para o projeto de emancipação nacional, o que em plano concreto e prático significa o próprio projeto de emancipação popular, o que é conseguido, em grande parte, pela educação formal. A distinção entre educação em seu caráter formal e em seu caráter autêntico foi efetuada por Vieira Pinto (1987/1991) e é de grande valia neste aspecto. A educação formal é praticada nas escolas, universidades e outras instituições de ensino. Envolve as atividades pedagógicas aplicadas especialmente aos jovens com o intuito de desenvolvê-los de acordo com os interesses da sociedade.

Já a educação em seu caráter autêntico é um fenômeno existencial, que se processa a todo instante e é motivado pela sociedade que inculca nos indivíduos seus interesses. Envolve todo o período vital do ser humano, pois desde a vida uterina, até a senectude, o ser humano está em formação. Advogam que a educação formal no Brasil seja sinônimo de educação tecnológica, pois a superação da dualidade educacional é um reclamo da sociedade brasileira que cada vez mais avança seus índices de humanização, e nesse sentido quaisquer dualidades engendradas pelos conflitos das classes antagônicas existentes na sociedade devem ceder lugar a um convívio mais igualitário.

Uma das mais importantes questões a serem superadas é a dualidade entre o trabalho material ou

manual, que envolve a produção dos produtos mais primordiais para a vida humana ou dos serviços indispensáveis; e o trabalho denominado superior, de ponta, reservado aos “doutores” filhos da classe dominante, que envolve muitas vezes serviços que são capazes de alterar as relações de poder entre os membros da sociedade, mas no mais das vezes é utilizada apenas para a manutenção do poderio dos donos do poder.

A educação tecnológica deverá mostrar que o trabalho é um direito do ser humano, mas dialeticamente e concomitantemente é um dever, pois qualquer ser humano tem contradições com a natureza, contradições que deve necessariamente vencer para poder subsistir e depois existir. As relações sociais deverão ser assentadas em bases solidárias, uma vez que a sociedade depende da labor dos diferentes seres em suas diferentes ocupações para poder funcionar em sua complexidade que deverá ser cada vez mais humanizada.

Conforme discutido anteriormente, a técnica não é um privilégio de uns ricos ou sábios, mas sim é um existencial humano, portanto todos seres humanos devem ter a oportunidade de acesso igualitário ao desenvolvimento de si próprio, que permita a atualização das suas potencialidades superiores. A educação tecnológica, desta forma, deverá contribuir na consecução de uma sociedade mais humanizada à medida em que oferece a oportunidade para a elevação do desempenho dos indivíduos.

Claro está que a educação tecnológica tem muito a contribuir para a mudança social no sentido da humanização do mundo e da vida das sociedades, especialmente das classes exploradas. Porém, ao lado da necessidade da educação tecnológica enquanto medida que tende à humanização é necessário um projeto político e

social que se lance à humanização concreta. Retomando o patrono da educação brasileira poderíamos dizer que a mudança social, no sentido de promoção da vida mais humanizada para aqueles que estão à margem da existência plena e do bem-estar, não poderá acontecer unicamente pela educação, mas tão pouco será processada sem o auxílio desta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho visou apontar o pensamento do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto para educação tecnológica. Há um processo de crescimento de pesquisas em torno do pensamento do mestre brasileiro, especialmente depois da publicação póstuma de duas de suas obras, o que o torna um pensador indispensável para pensar a questão da técnica e da tecnologia, bem como sociedade e educação no nosso tempo. O caráter crítico de seu pensamento serve como guia seguro para empreender reflexões autênticas acerca da existência humana, que concretamente é indissociável de qualquer linha de pesquisa.

A educação tecnológica tem avançado no Brasil, especialmente na última década. Apesar das recentes ameaças a qualquer avanço genuinamente nacional, podemos dizer que a educação tecnológica tende a crescer. No entanto acreditamos que a proposta da educação tecnológica enquanto uma prática restrita a determinados institutos deverá ser superada em prol de uma educação formal que seja sinônimo de educação tecnológica. Só a educação tecnológica em suas diferentes expressões será capaz de propor e trabalhar em prol da superação da dualidade educacional e de sua matriz, a sociedade dividida em classes que são antagônicas entre si.

## REFERÊNCIAS

CIAVATTA, M. **A formação integrada**: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Trabalho Necessário, v. 3, n. 3, 2005. Disponível em: [http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN\\_03/TN3\\_CIAVATTA.pdf](http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf). Acesso em: 14 abr. 2017.

GONZATTO, R.; MERKLE, L. Vida e Obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento biobibliográfico. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, n. 69, p. 286-310, set. 2016.

MOURA, Dante Henrique. **Educação básica e educação profissional e tecnológica**: dualidade histórica e perspectiva de integração. Holos, Natal, v. 2, p.1-27, 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/11/110>. Acesso em: 14 abr. 2017.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 14, jan./abr. 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a11v12>. Acesso em: 14/04/2017. RAMOS, M. N. Concepção do Ensino médio integrado. S.d. . Disponível em: [http://www.iiep.org.br/curriculo\\_integrado.pdf](http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf). Acesso em: 14 abr. 2017.

*Serviço Social & Realidade, Franca, v. 28, n. 1, 2019.*

SAVIANI, D. **Trabalho e educação**: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. Campinas, v. 12, n. 32, p. 152-180, jan./abr. 2007.

Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>.

Acesso em: 14 abr. 2017.

VIEIRA PINTO, A. Consciência e Realidade Nacional. Rio de Janeiro: ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, A. Sete Lições Sobre a Educação de Adultos. São Paulo: Cortez, 1982/1991.

VIEIRA PINTO, A. O Conceito de Tecnologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005. 2 v

VIEIRA PINTO, A. Sociologia dos Países Subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.